

EDITORIAL

PRÁTICAS SOCIAIS E IDENTITÁRIAS: (RE) CONFIGURAÇÕES LINGUÍSTICAS

SOCIAL PRACTICES AND IDENTITY: (RE) SETTINGS LANGUAGE

LAS PRÁCTICAS SOCIALES Y DE IDENTIDAD: (RE) AJUSTES IDIOMA

James Deam Amaral Freitas¹

A palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais. (BAKHTIN, 1997, p. 41).

Apesar de inúmeras evidências contrárias, há ainda quem acredite que a língua exista isoladamente, dissociada de seus sujeitos falantes, fadada a uma existência inerte e imutável. Uma concepção que talvez se aplique, ainda que a cautela seja demasiada, aos dicionários e compêndios gramaticais, mas não às nossas práticas linguísticas, instâncias carregadas de significação.

E essas tentativas de camuflar a língua sob um manto de objetividade e neutralidade constituíram, e continuam constituindo, uma forma perversa de esconder as hierarquizações e exclusões que ela opera na sociedade, já que a língua não só postula identidades como as hierarquiza, atribui-lhes escalas de valor e as classifica em posições legitimadas ou subalternas. Pensar a língua e a linguagem, nesse caso, envolve um projeto abrangente e relacional, imbuído das múltiplas dimensões da vida social.

Essa breve explanação é necessária para afirmar que não há campo do saber que escape à linguagem e aos mecanismos que a colocam em funcionamento, assim como também não há produção científica que se abstenha das imbricações entre língua, sociedade, cultura e política. E são justamente essas condições que fornecem sustentação editorial à *Revista Baiana de Enfermagem*, não só em suas linhas de pesquisa como em suas escolhas linguísticas e discursivas.

Um exemplo nítido de que esse periódico não nega a intrínseca relação entre língua e práticas sociais está no compromisso em assinalar o gênero feminino em seus textos. Essa utilização, mais que um mero detalhe gramatical, subverte concepções de uma linguagem científica supostamente descorporificada ou pretensiosamente masculina e concretiza uma linguagem inclusiva, a qual garante que as mulheres estejam presentes linguisticamente nos textos e, conseqüentemente, nas estruturas sociais e de poder.

¹ Doutora em Linguística. Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Goiás (IFG). Coordenadora da Editora IFG. jdeamm@gmail.com

Embora exista um conceito historicamente instituído de que o uso do masculino genérico tenha valor neutro e universal, não podemos negar os efeitos negativos dessa ação, já que ela constitui um apagamento, uma exclusão de gênero, que se materializa na língua e se estende para além dela. Justifica isso o fato de que, se a língua nos oferece inúmeras opções para evidenciar os gêneros, ao adotar apenas uma, no caso o masculino para se referir também ao feminino, perpetua-se um discurso sexista, de conformação a uma hegemonia masculina. Do mesmo modo, é um equívoco atribuir equivalências entre um termo masculino e um feminino, como, por exemplo, apregoar que a palavra homem represente também a mulher, uma vez que é indispensável nomeá-la, para que, de fato, ela seja representada.

Se, por um lado, a utilização de termos masculinos totalizantes reforça hierarquias e desigualdades de gênero, por outro, a marcação no discurso de ambos os gêneros aponta para uma tentativa de desconstruí-las. Isso porque a língua, pela sua responsabilidade na constituição de nossas identidades e percepções de mundo, é uma estrutura importante de transformação de práticas excludentes e discriminatórias. Os esforços de construção de um mundo mais equitativo passam também pelas nossas escolhas linguísticas e pelo agenciamento do feminino e do masculino, sem sobreposições ou apagamentos.

Enfim, se temos insistido que é na língua e através dela que nossas identidades e práticas sociais se constituem e são posicionadas no mundo, nada mais pertinente que adotá-la como uma ação dialógica e estratégica, capaz de desnaturalizar as desigualdades. E assinalar o gênero feminino nos textos que produzimos, longe de ser desnecessário ou banal, é uma decisão política de extrema relevância.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.